



Olga Lúcia Espíndola  
Freire Maia

Presidente da Associação Peter Pan

# A inconformidade e a beneficência: a mulher que dá sentido à própria vida na missão de ser voluntária

Quantas pessoas passam por nós sem que percebamos? Com quantas situações nos deparamos sem notarmos os significados que encerram? Quantas vezes tivemos a possibilidade de fazer algo e resolvemos simplesmente continuar nossos passos solitários? O que Olga Lúcia Espíndola Freire Maia nos relata é que ela não consegue fazer isso. Há uma inconformidade com o mundo e uma atenção ao próximo que direcionam o olhar dessa mulher para o que ela chama de "fazer o bem". Olga se permite à experiência de compartilhar sentimentos com desconhecidos, porque se sente conectada a todos os seres humanos por uma ligação espiritual.

O senso comum não é suficiente para explicar a complexidade desse personagem. Para entender o que move Olga a querer ser uma eterna voluntária, não basta falar da educação familiar, da formação cristã ou da escolha pelo espiritismo. Isso é importante, mas, no caso de Olga, a característica parece ir muito além de explicações fáceis. Arrisco pensar que ela tem a vocação de estar atenta a todos aqueles que por ela passam, necessitados seja de coisas materiais, seja de coisas do coração. O trabalho que realiza junto às crianças com câncer busca prover o atendimento médico adequado que garanta a saúde física, e o atendimento pedagógico e psicológico que garanta o amor. Com corpo e alma, Olga se entrega à ação cotidiana de estar em serviço dos que precisam.

Assim ela gera transformações sociais através da transformação de si mesma. Não tem o intuito de lançar discursos sobre como consegue fazer o bem. Na verdade, odeia qualquer tipo de autopromoção e evita isso a qualquer custo. Interessa-lhe estar sempre agindo, como que numa tentativa de acalmar a angústia que sente com as "coisas erradas

do mundo". Mas essa calma – ou, quem sabe, conformidade – nunca vai tomá-la, pois Olga entende como ninguém a interdependência entre os seres humanos, permitindo que a dor do outro seja a dela própria. Isso se dá de tal forma, que o sentimento não precisa ser expresso em palavras, não é preciso que ninguém lhe diga o que se passa. Ela sente, ela sabe, ela intui. E o mais importante, ela age.

Porque essa figura tão cativante não consegue deixar o mundo passar como se não fizesse parte dele. Olga busca intensamente o significado em estar viva, ao ter uma visão de que os acasos que vivencia são algo maior que ela própria. Ao transcender o sentido de estar no mundo, ela ressignifica as ações cotidianas através da prática desinteressada da beneficência. Ao encontrar a própria vocação, ela atua com a energia e a disposição que a maioria de nós, talvez, apenas dedicamos a propósitos individuais. Olga tem um propósito que envolve todos os seres humanos, desde os que convivem com ela na Associação Peter Pan, até aqueles que encontra por acaso na rua e que se tornam a grande razão do dia dela.

Para os que se dispuserem a conhecer personalidade de tamanha força e importância, deixar-se levar pelas palavras dela é fácil. As frases simples e as histórias tão humanas envolvem qualquer um que se permita lembrar da filosofia de, simplesmente, fazer o bem. Ao mergulhar nesta entrevista, o leitor poderá alcançar a profundidade do discurso de Olga Maia e sentir-se contagiado pela visão de que a vida pode ir além do mundo particular. A vida pode ser a experiência de uma vivência real com o próximo, através de um amor desinteressado e verdadeiro pelo ser humano.

## Equipe de Produção:

Nayana Siebra  
Ranniery Melo

## Texto de abertura:

Raiana Carvalho

## Participação:

Igor Gadelha  
João Victor Sales  
Juliana Diógenes  
Mariana Freire  
Nayana Siebra  
Pedro Vasconcelos  
Raiana Carvalho  
Raíssa Câmara  
Ranniery Melo  
Roberta Tavares

## Fotografia:

Gleydson Moreira



Entrevista com Olga Maia, dia 21 de novembro de 2011.

**Nayana** – Olga, vamos começar apresentando a turma. Ranniery, Nayana, Raíssa, Mariana, Raiana, Pedro, João Victor, Juliana, Roberta, Igor, nosso professor, Ronaldo, e o Gleydson na foto. Nós estruturamos a entrevista em dois momentos. O momento inicial, de mais ou menos meia hora, pra conversar contigo sobre a tua vida antes do Peter Pan, um aquecimento pra que com o desenrolar da entrevista... *(telefone da Olga toca)*

**Olga** – Me perdoe, eu estou com um mandado urgente no tribunal e eu tenho de atender. *(Olga passa cerca de um minuto ao telefone)*

**Olga** – Pronto. Desculpe pessoal, mas...

**Nayana** – No resto, a gente vai falar sobre o Peter Pan mesmo, desde o início, em 96, até hoje.

**Ranniery** – Vou fazer a primeira pergunta, Olga. A princípio, eu e a Nayana já conversamos contigo antes e a gente percebe que é marcante na sua imagem aquela benevolência, vontade de ajudar ao próximo. A gente quer saber se existe algum fato da sua vida determinante pra essa característica, antes do Peter Pan surgir.

**Olga** – Existe Sim.

**Ranniery** – Qual seria?

**Olga** – Eu sou espírita e a bandeira do espiritismo é: 'Fora da caridade não há salvação'. Então isso ilumina pra que a gente possa fazer o bem, independentemente de qualquer coisa que seja, independentemente de... Como é que a gente pode dizer, meu Deus? Independentemente mesmo de religião. Fazer o bem pelo bem. Antes até da Associação Peter Pan, a gente... *(Olga faz uma pausa de cinco segundos, refletindo sobre a pergunta)* Tem coisas que eu fico um pouco constrangida de falar porque... *(Olga faz outra pausa com a mesma duração)* Porque são coisas que a gente guarda no coração da gente pra gente. Mas eu me lembro – eu criança – minha segunda mãe que me criou, dizendo que meu coração era dos pobres *(Olga se refere a Mementa, moça que ajudava na criação de Olga e dos irmãos)*. Eu pouco digo isso para não parecer... É por isso que eu às vezes fico constrangida de fazer perfil, sabe? Porque ou você não diz as coisas ou você vai ter de dizer coisas pra você mesma. Mas eu acho que tem momentos que você deve falar, porque Deus sabe que não é para se exal-

tar. É o constrangimento que a gente tem. Mas a doutrina espírita, independentemente... Porque não é muito bem uma religião, embora ela *(a doutrina)* tenha muito forte a religião cristã dentro dela, no bojo dela, na alma dela, mas ela coloca o tempo inteiro, o tempo inteiro, que você tem de fazer o bem. Inclusive tem uma questão que fala que, se a gente não fizer o mal, já é suficiente pra ser agradável a Deus. E ele responde que não. Que a gente tem de fazer, que a gente vai responder não apenas pelo mal que a gente faz. Mas por todo o bem que a gente podia ter feito e não fez. Conclui dizendo para fazer o bem até os limites das nossas forças. Então essa consciência de que o caminho de Deus passa pelo próximo é que faz com que a gente procure fazer, exercitar a benevolência. Embora a gente não tenha de fato a benevolência dentro da gente, mas pelo menos exercitar isso daí.

**Raiana** – Olga, você falou que a sua segunda mãe dizia que seu coração era dos pobres, desde que você era criança. Mas o que você fazia na sua infância que ela falava isso?

**Olga** – Eu não me lembro. Eu sei que eu não conseguia ver uma pessoa sofrendo porque eu buscava... Meu pai tem um sítio que tinha muitas pessoas que tinham dificuldades na vida e eu sempre estava... Eu acho que eu era atenta! Atenta às pessoas que estavam precisando de alguma coisa. Deve ter sido por isso.

**João Victor** – Você atribui muito também esse sentimento, essa vontade de ajudar ao próximo ao espiritismo, mas você também acabou não tendo uma educação familiar com base espírita. Mas a sua educação familiar mesmo, dentro da sua casa, de que forma contribuiu pra isso?

**Olga** – Eu agradeço muito a essa sua pergunta porque eu não estou querendo esquecer a minha educação familiar. Minha mãe *(Maria Anayde)* e meu pai *(Aldenor)*, talvez o que traz mais forte que eles tenham mesmo *(contribuído)* é nessa parte de... Porque, por exemplo, a honestidade... Você ser íntegro, faz um bem imenso. Nesse mundo hoje de corrupção... E eu acho que a bondade, a integridade, eu vivenciei desde os primeiros momentos que eu nasci, no meu berço. E isso é o bem. Quem é íntegro, quem é honesto,

Olga Maia já havia sido entrevistada por Mariana, Nayana e Ranniery para reportagem sobre câncer infantil feita na disciplina de Jornalismo Imprensa I, por isso o nome dela foi sugerido.

A princípio, Olga se mostrou um pouco controversa à proposta da entrevista. Ela afirmou não se sentir à vontade para falar de outros assuntos que não fossem relacionados à Associação Peter Pan.

Para tentar tranquilizar Olga sobre a entrevista, a equipe de produção enviou-lhe algumas edições anteriores da Revista Entrevista, junto com uma carta, explicando com mais detalhes o objetivo da turma.

termina, inevitavelmente, caminhando no sentido de fazer o bem. Eu vivenciei isso. Ele foi consolidado de uma forma mais madura, mais consciente, sim, com a doutrina espírita, mas eu já trazia isso no meu coração desde a infância.

**Juliana** – Você lembra alguma situação, em que você, quando criança, chegou a ajudar alguém na rua, ou mesmo a outra criança, ou gostava de, por exemplo, dar o seu brinquedo pros outros? Como é que você avalia a sua infância?

**Olga** – Na verdade, você está me perguntando o que eu me lembro, a primeira coisa que me veio à cabeça foi um colégio de freiras, em que eu estudava quando eu era muito criança. E a mãe estava equivocada, sabe? Ela queria colocar uma amiga minha pra fora do colégio porque o pai dela não tinha pagado a mensalidade. Eu não lembro a idade que eu tinha, mas eu não conseguia entender aquilo ali. E fui, me meti, fui atrás pra saber. Aquilo me marcou muito porque estava no mês de setembro, eu nunca esqueci. Estava terminando o ano e assim mesmo a menina ia para fora do colégio. Eu não lembro a idade, mas não devia ser na primeira infância, porque ficou muito nítido isso. E eu não me conformei, busquei, batalhei. E batalhei de uma sorte que eu acho que eu fui grosseira porque, logo em seguida, o Padre Mariano, que eu também nunca esqueci, disse que, entre a grosseria e a sinceridade, tinha um limite tênue, mas a gente tinha de observar. Porque eu tinha dito pra ele que eu fui sincera com a freira e ele disse que não, que eu fui grosseira. Isso me marcou. A caridade tem três vieses. Ela tem o viés da beneficência, mas também a indulgência e o perdão. E a beneficência é muito larga. Não é só você dar um dinheiro, é você se colocar no lugar do outro pra fazer para o outro aquilo que você quer que o outro lhe faça;

---

**“Quem é íntegro, quem é honesto, termina, inevitavelmente, caminhando no sentido de fazer o bem. Então eu vivenciei isso”.**

---

Izabel Siebra, mãe da Nayana, teve um papel fundamental na realização da entrevista. Como trabalha no Hospital Albert Sabin, colhia todas as informações sobre a agenda de Olga. Chegamos a considerá-la a terceira produtora da entrevista.

é beneficência. E você, tem uma pessoa ali que tá quase sendo posta para fora de um colégio e você ir em defesa, isso é você fazer o bem também. É um bem diferente, mas foi isso que eu me lembrei.

**Raíssa** – Olga, existem muitas pessoas boas. Poucas ajudam, realmente. O que desperta essa tua atitude? Porque vontade muita gente tem. O que te faz realmente fazer, ajudar, pôr em prática?

**Olga** – (*Olga demora alguns segundos para responder, refletindo sobre a pergunta*) Eu acho que é uma... Eu vou dizer a primeira coisa que sempre vem primeiro à minha cabeça. Tem uma frase de Paulo de Tarso (*mais conhecido como São Paulo, converteu-se ao cristianismo pouco depois da morte de Jesus. Escreveu 14 epístolas presentes no Novo Testamento da Bíblia cristã*) que diz: “Não vos conformeis com este mundo”. Essa frase, sempre que eu lia, eu parava e raciocinava sobre ela. Mas ele diz que você transforma o mundo em se transformando. A gente, se você for inquieta mesmo, com as coisas erradas que estão no mundo, você termina... Isso é uma mola muito grande. O cuidado pra não querer fazer as coisas, sei lá... Esperar o tempo de cada coisa. Mas eu acho que é esse raciocínio de que não está certo você se conformar. Porque às vezes eu me questiono muito quando a gente vê as dores do mundo e a gente passa. E a gente tem feito muito isso, sabe?

Na parábola do Bom Samaritano (*parábola contado por Jesus, presente no livro de Lucas, 10: 25-37, no Novo Testamento da Bíblia cristã. Segunda a história, um homem encontrava-se convalescendo no meio da estrada, logo após sofrer um assalto. Por ele passaram um sacerdote e um levita que nada fizeram. Um samaritano, considerado pagão, foi o único a ajudar*), como eu conheço muito, muito, é uma coisa que eu digo de peito cheio! Eu conheço muito o Novo Testamento (*subdivisão da Bíblia cristã a partir do nascimento de Jesus Cristo*). Conheço mesmo. E na parábola do Bom Samaritano, o que mais me chamou atenção é que quando ele conta como é que você chega a Deus, se você for ver nas duas pontas, é pelo outro, é pelo próximo. E o que eu fico impressionada é quando o fariseu... Porque hoje a gente ainda vê muitos fariseus no mundo. Achando que a sua fé é a melhor, que a sua religião é a que salva. Eu fico triste de ver isso aí porque eu sou espírita, eu presidi a Federação Espírita do Estado do Ceará por quatro anos (*entre 2004 e 2008*) e em todo canto, palestra que ia, eu pedia que não falasse da religião do outro. Que onde tivesse Jesus, estava bem. E onde nem soubesse que existisse Jesus,



Para esclarecer o objetivo principal da entrevista, a produção combinou um encontro com Olga para discutir que pontos seriam tratados na ocasião.

---

“E a beneficência é muito larga. Não é só você dar um dinheiro, é você se colocar no lugar do outro pra fazer para o outro aquilo que você quer que o outro lhe faça”.

---

mas as pessoas estivessem fazendo o bem, estava bem. Então, a parábola do Bom Samaritano, se você for ver, era o fariseu que era orgulhoso, que estava provocando Jesus a toda a hora. E Jesus, na sua humildade, na sua profundidade, ele fala do samaritano. Que o samaritano pra eles era reles. E aí ele dá o exemplo do homem que estava precisando de ajuda e o mais incrível é que passa o sacerdote, o levita e o samaritano. O sacerdote e o levita, que eram os verdadeiros representantes de Deus na Terra, eles não viram. Eles não eram maus. Eles não enxergaram. E foi o samaritano, que não tinha religião, que pra eles era reles, que enxergou. Eu acho que precisa... Porque numa epístola de Tiago (*outro livro presente no Novo Testamento da Bíblia cristã*), ele diz: “Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras”. Quer dizer, seu coração é bom, mas a bondade está expressa em ação? Tem muita gente que é bom, mas não expressa essa bondade em ação. E é isso aí que faz a diferença. Eu não acredito que eu seja boa não, mas eu procuro fazer o bem. Eu sou cheia de imperfeições e vocês me veem

como boa. E eu não me vejo como boa. Eu me vejo como inquieta. Inconformada com as coisas como estão postas, sabe?

**João Victor** – Esses sentimentos de perdão, de benevolência, de alguma forma começaram pelo fato de ter oito irmãos e fazer parte de uma família com muita gente em que talvez você tivesse muitas oportunidades de praticar esse perdão e essa benevolência?

**Olga** – Não tenha dúvida que é. Quem convive, por exemplo, com um irmão, você se zanga com ele agora e logo depois do agora você já passou a raiva. Toda hora você está exercitando, é uma oportunidade de Deus para você aprender realmente a se zangar; ter dois trabalhos – de ter raiva e de passar. Quem tem muito irmão sabe disso. E aí você convive melhor. Sexta-feira eu estava assistindo a uma palestra e o palestrante estava dizendo exatamente isso. Era um filósofo, ele não falou absolutamente em religião. Mas ele fala que você tem de tomar cuidado com a satisfação. Porque, quando você está muito satisfeito, você descansa. Eu fiquei feliz, porque eu sou insatisfeita. Eu estou sempre insatisfeita não no sentido de feliz. Eu

Olga forneceu para a produção o telefone da secretária, Kel, para que a pré-entrevista fosse agendada. Nayana ligou para o telefone celular fornecido por Olga, mas a Kel que atendeu não conhecia nenhuma Olga e não possuía vínculos com a Associação.

Com o telefone certo da Kel certa – que na verdade se chamava Kelsi – nas mãos, a produção passou a entrar em contato com a secretária. Diversas datas, para a pré-entrevista foram marcadas e remarcadas, por conta da agenda atribulada de Olga.

procuro ser feliz. Mas eu olho e, no hospital mesmo, mal o hospital ficou pronto e a gente já estava olhando onde é que a gente poderia fazer uma coisa melhor...

**João Victor** – Mas na sua família, com seus irmãos, de que modo você praticava isso?

**Olga** – Eu acho que, com meus irmãos, eu era mais era encenqueira! (*risos de todos*) Eu tinha um irmão que eu brincava, o pobrezinho, eu brincava tanto com ele... Ele era torcedor do Fortaleza doente. E eu, não sou doente, mas sou torcedora do Ceará, né? Quando o Fortaleza perdia, ele já chegava em casa e me procurava com o olhar e eu fazia assim (*faz um gesto de deboche com as mãos como quem avisou que aquilo ia acontecer*), eu só fazia isso. Ele ficava danado comigo e a mamãe (*dizia*) “Menino, ela não disse nada!” E ele: “Mas ela fez assim!” (*repete o gesto, enquanto todos riem*). Eu acho que eu era mais encenqueira do que boazinha! Eu era danada, era uma criança muito danada.

**Igor** – Olga, você falou durante a pré-entrevista que um dos motivos que a levou a fazer o concurso para oficiala de justiça foi o tempo livre que um oficial de justiça tinha. Você já considerava esse tempo livre que você iria ter para ter um trabalho voluntário?

**Olga** – Olha, quando eu fiz o concurso para oficial de justiça, o meu trabalho voluntário era quase que insignificante, em comparado com hoje. Mas ter um trabalho voluntário muitas vezes não é só você direcionar para a Associação Peter Pan, ou para a Federação Espírita, não. É pra poder ter um tempo livre pra fazer alguma coisa em benefício de outro, eu considerava. Nesse sentido eu considerava. Mas estava muito no começo, a minha caminhada no voluntariado. Na verdade, nem existia direito voluntariado mesmo naquela época. Se você for ver, o voluntariado mais consistente começou há dez, doze anos. E eu já tenho mais do que isso como oficiala.

**Nayana** – Olga, e qual foi o seu primeiro trabalho voluntário? Sua primeira ação, realmente, como trabalho voluntário?

**Olga** – Bem, de uma forma que dependia de mim para o outro, foi em Paulo Afonso (*cidade no norte da Bahia, com 108.396 habitantes, de acordo com o censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2010*). Meu marido foi comandar o quartel de lá. A Chesf (*Companhia Hidro Elétrica do São Francisco*) foi quem construiu praticamente Paulo Afonso. E a Chesf e o Exército sempre andaram muito de mãos dadas. E eu me vi em condições de fazer mais coisas. Foi feito um curso de padeiro, por exemplo, lá no quartel, e tinha condições

de a gente fazer não sei quantos pães, eu não me lembro mais, assim, (*cerca de*) trezentos pães a mais. E a gente já levava pras creches. Como todo mundo lá era louco pelo Exército, a gente fazia, no final do mês ou de dois em dois meses, a gente arrecadava e fazia cestas básicas. Lá, no carro do quartel mesmo, a gente pedia licença porque era uma ação social e era muito bem visto, isso. A gente ia no ônibus do quartel, cheio de cestas básicas. Eu me lembro de uma avozinha que a gente chegou no fundo da casa dela, a casa tava ali, era só uma cerca de madeira, e ela veio. Quando ela viu que a gente estava dando uma cesta básica, ela chorava porque dizia que naquele dia ela não tinha nada ali pra comer. Nós tiramos mais outra cesta. O trabalho mais efetivo que passava pelo meu poder de decisão foi nessa época.

**Nayana** – Foi mais ou menos em que ano?

**Olga** – Metade de 1993 até final de 1995.

**Juliana** – Mas Olga, você já era satisfeita com esse trabalho ou sentia também que poderia fazer mais? Porque essa questão da cesta básica, de certa forma é uma caridade, mas talvez um pouco efêmera, não é?

**Olga** – Não era só a cesta básica não. A gente tinha atitudes pontuais, como a cesta básica, mas a gente chegava junto todos os dias com os pães. Mais na área da assistência, no que diz... Porque assistência a gente sabe que hoje, assistência social tem embutida a palavra ‘promoção’. É ‘assistência e promoção social’. Contudo, lá em Paulo Afonso,



A pré-entrevista conseguiu ser marcada, mas mesmo no dia combinado Kelsi ainda precisou remarcar para duas horas mais tarde, pois Olga estava cumprindo um mandado urgente do Tribunal Regional do Trabalho.

## “Porque às vezes eu me questiono muito quando a gente vê as dores do mundo e a gente passa. E a gente tem feito muito isso, sabe?”

devido ao pouco tempo que a gente passou lá, foram dois anos e meio, nós promovemos, de alguma sorte, mais no sentido de levar uma creche, um abrigo, esses a gente fazia regularmente. E também ações pontuais, como um rapaz que apareceu com um problema muito sério no fígado, por causa de uma bactéria, sei lá, que ele tinha contraído. Então a gente fazia, juntava ali, ligava pra alguns comerciantes, amigos nossos, sempre amigos nossos! Um dava um ventilador, outro dava um ferro de passar, outro dava um carneiro. A gente fazia um bingo e o resultado daquele bingo a gente levava. Eram ações pontuais. Mas a gente já tinha sim, já estava no poder da nossa decisão, o fazer acontecer. Antes disso a gente fazia atitudes muito... A gente chegava junto. Eram pessoas em Recife, por exemplo, que ajudavam mulheres que vinham fazer o tratamento já do câncer. E elas não tinham onde ficar, elas eram levadas para um lugar e ali eles davam um café da manhã e depois um lanche. Na Vila Militar, a gente pedia a um, a outro, dava do da gente e levava pra lá no café da manhã, mas não era uma coisa que dependesse da nossa decisão o que fazer, sabe? A gente só auxiliava.

**Mariana** – Olga, na sua fala a gente percebe muito a questão do outro. Ajudar o outro... O que é esse outro pra você?

**Olga** – O outro é qualquer pessoa que naquele momento precise de mim, sabe? Que eu possa, ou pouco ou muito, fazer a diferença ou na vida, ou naquela necessidade pontual. É o outro. Eu vou contar para você um caso que me marcou muito. Eu sempre conto dizendo que é uma voluntária. E eu não estou mentindo, porque eu sou uma voluntária. Mas aqui eu não posso fazer isso. Um dia eu vinha voltando daqui... E eu sigo muito a minha intuição. Quando eu falei na parte espírita é que eu escuto algumas vezes, algumas coisas que, no começo, na minha infância, eu pensava que era meu pensamen-

to. Mas não era meu pensamento, porque eu não estou pensando isso. E todos nós ouvimos, mas a gente não sabe é decifrar, sabe? Então eu vinha com uma amiga minha aqui nessa rua do lado (*rua Francisco Lorda*). E lá na frente, um homem e uma criança. Eles estavam de costas, lá na frente. Quando eu olhei para aqueles dois, eu ouvi que aqueles dois estavam precisando de ajuda. E eu parei. Eu parei o carro e perguntei ao homem: “Meu senhor, quer carona?” Que era a única coisa que eu podia entender em ajudar. E o homem aceitou e, quando eu olhei, a criança estava ferida no rosto. Ele entrou no carro. Era um senhor assim, sabe esses senhores mais do interior, mais sério... E ele estava no limite dele. Ele disse: “Minha senhora, o meu filho foi mordido por um cachorro no rosto e eu já vim não sei da onde, vim do Albert Sabin e me mandaram pro Frotão, pro IJF (*Instituto Dr. José Frotá*).” Ele disse: “Eu já não sei mais o que eu faço!” E caiu no choro. E o meninozinho parecia um homem. Ele dizia assim: “Mas eu já disse pra ele que não tá doendo, tia!” Eu disse pra ele: “Olha, meu senhor, eu só vou deixar o senhor na hora que eu tiver resolvido o seu problema. Seu filho vai ser atendido, eu lhe prometo isso!”. Toquei o telefone para o diretor do Albert Sabin (*Dr. Walter Frotá*) que é meu amigo particular, ele é meu amigo! E é um dos cirurgiões lá do IJF. Liguei pra ele, expliquei pra ele e ele disse: “Olga, fale com o fulano”.

Cheguei lá, dei de cara... Dizem que, quando você procura colaborar com a vontade de Deus, você nunca sabe quando você faz e quando Deus começa a fazer por você. Eu dei de cara com o cirurgião plástico. Eu disse: “Meu senhor, atenda pelo amor de Deus!” Expliquei, eu disse que era a Olga, que era a presidente da Associação Peter Pan, que era amiga do Dr. Walter, eu contextualizei porque tinha de contextualizar. Ele disse: “Senhora, eu sou o cirurgião plástico”. Eu disse que estava atrás do diretor do hospital. E ele: “Pode deixar, precisa falar com ele não, vamos!” Pegou essa criança. Ele parecia um homem, aquele menino, ele estava preocupado com o pai dele! Olha, ele (*o cirurgião*) lavava assim, nós vimos, eu e a minha amiga. Ele lavando a ferida da criança. Terminamos, a criança estava com fome. Eu já tinha ligado pra casa. A Rosa (*empregada doméstica da casa de Olga*) fez um caldo de carne e meu filho... Uma das coisas que eu sempre tive muito cuidado na minha vida, de tudo de ruim que eu faço, de todas as deficiências que eu tenho, uma eu supri. No Evangelho Segundo o Espiritismo (*obra de Allan Kardec, lançada em abril de 1864, que avalia os evangelhos canônicos de acordo com a*

Em 8 de novembro, data marcada para a entrevista, por volta das 8:40h, Kelsi liga para Nayana e informa que devido a um problema de saúde da Olga a entrevista teria de ser remarcada.

Kelsi pediu para reservarmos a segunda-feira, 14 de novembro, para realização da entrevista. Entretanto até a sexta-feira, da corrente semana, ela ficou de confirmar a entrevista.

Chegou sexta-feira e nada da Kelsi telefonar. A produção já angustiada resolve telefonar para a associação, quando descobriram que Kelsi estava de atestado médico e Olga estava em Brasília e só retornaria na próxima quarta-feira.



*Doutrina Espírita*), ele explica o evangelho de Jesus. Ele fala uma passagem, "faça o bem", por exemplo, e explica o porquê. E quando ele tá falando da piedade filial, ele diz que a maior obrigação do pai e da mãe é aproximar a alma do filho de Deus. Quando eu li isso, pra mim, eu trouxe como a maior obrigação. Então eu não faço só. Eu nunca fiz só. Sempre os quatro, meu marido e meus três filhos, estiveram do meu lado, sendo voluntários também, eu digo que eles são voluntários meus. E eu liguei pro meu filho. A criança tomou o caldo dele, o pai dele almoçou. E o meu filho foi deixar em casa. Hoje eles moram, por coincidência, ali no José Walter (*bairro da região sul de Fortaleza*) tem o sítio São Jorge, não sei se alguém aqui já ouviu falar. E esse sítio é da família do marido da minha prima. Ele mora no sítio da minha prima. E hoje eu sei, ainda compro macaxeira deles. Mas a beneficência é... Pra você fazer o bem você não precisa ser bom. Eu não sou boa. Apenas me determinei na minha vida a fazer o bem. Mas, antes de você fazer, você precisa ver! E vendo, sentir! Aí você se condói, você se apieda, e a partir daí, você faz. Então qualquer um, o problema... A Paulinha, a Paulinha foi uma menina que tinha câncer, não sei se eu falei do Livro...

**Nayana** – A Paula Edmea...

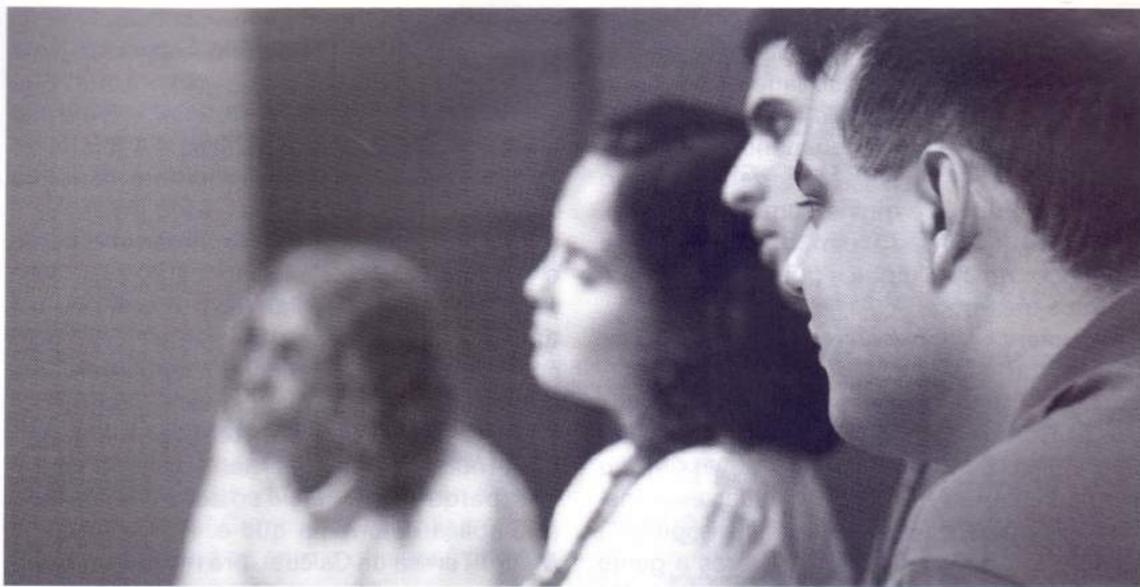
**Olga** – É, a Paula Edmea (*paciente que escreveu o livro A Procura da Esperança, veio a óbito em consequência de um tumor de Wilms*). A Paula Edmea era uma menina danada, morreu com 17 anos com um câncer na cabeça. Ela era muito danada, o livro dela é lindo, se vocês puderem comprar, compre. E ela fala dos indiferentes. Eu não vou falar pra não... sabe? Na cidade, ela botava, a cidade abandonada. "Paulinha, mas essa cidade não está abandonada!". "Tia, mas só tem indiferente!", ela dizia. E isso é tão profundo! O problema da

bondade ou não, não é você ser bom. É você ter olhos de ver. E também a gente não pode sair a toda a hora se culpando porque não ajudou esse, não ajudou aquele. Também não é isso. Mas pelo menos, uma vez por dia, na hora que você vai dormir. Eu digo muito isso lá em casa, a gente faz o evangelho no lar (*estudo do evangelho de Jesus em reunião familiar*) semanalmente. É como se fosse a nossa missa, sabe? Porque eu me criei na missa e eu gosto muito de missa. Eu aprendi, minha mãe, como você me perguntou, minha mãe e meu pai me ensinaram a amar Maria de Nazaré, que isso daí eu tive na minha infância e vou levar pro resto da minha vida eterna. E você precisa só olhar, sentir, e aí você termina fazendo o bem, mesmo que a gente ainda não seja boa, porque pra ser bom mesmo... Olha, Jesus disse: "Eu não sou bom, quem é bom é o Pai!" Quer dizer, se Ele diz que não era bom, que dirá nós?! Normalmente a gente está a caminho do bem. E é fazendo o bem que a gente vai melhorando aqui, melhorando ali...

**Roberta** – E quando você percebeu que tem essa característica, tipo um sexto sentido quando as pessoas necessitam, né? Quando você percebeu isso?

**Olga** – Foi estudando a doutrina espírita mesmo. O espiritismo explica o que a gente é, de onde a gente veio, pra onde a gente vai. O Livro dos Espíritos (*obra lançada por Allan Kardec em 18 de abril de 1857 com os fundamentos doutrinários do Espiritismo*), as pessoas têm preconceito. Eu acho que um dos maiores crimes que a gente tem com a gente mesmo é o preconceito. A gente ouviu falar, preconceito da homossexualidade, da cor, preconceito da religião. Se você se despir do preconceito, você vai encontrar um mundo novo tão lindo! Eu me despi do preconceito porque na minha família tinha muito católico, eles diziam que o

Na quarta-feira pela manhã, a produção retorna a ligar para Kelsi. A secretária afirma estar lembrando da entrevista e nos promete marcar uma data com a Olga o quanto antes.



Ansiosos, a produção fala com a secretária na quarta à tarde e na quinta pela manhã, mas Kelsi continua sem ter uma confirmação e confessa estar muito ansiosa também para confirmar a data.

espiritismo era coisa do diabo. E uma tia minha, antes de morrer, eu disse, "Tia, eu acho que eu sou médium". Eu não tenho uma mediunidade ostensiva como as pessoas conhecem não, apenas essa, da audição. E ela disse: "Pelo amor de Deus, não vá se meter com isso não!" Eu fiquei com horror a isso aí. E um dia, eu acho que eu percebi foi com uma oração de Chico Xavier (*Francisco de Paula Cândido Xavier, foi um médium e um dos maiores divulgadores do espiritismo no Brasil. Nasceu em 1910 e foi a óbito em junho de 2002*), e ela diz mais ou menos assim... É "Buscas e acharás". Uma das partes mais bonitas do evangelho de Jesus é quando ele fala "Buscas e acharás". Ele diz: "Pedis e recebereis". Ele diz assim: "Senhor Jesus, disseste-nos um dia buscas e acharás". E ele continua dizendo mais ou menos assim: "Não te rogamos tão só para que nos guies à procura dos verdadeiros valores da vida. Pedimos-te ainda mais. Quando estivermos na posse das concessões que esperamos, não nos deixes marginalizados nos adornos da virtude vazia." E ele continua e no final ele pede pra realizar o que Deus quer que a gente realize. Puxa vida, a virtude vazia! O que é a virtude vazia? Eu acho que eu comecei a ouvir aí, sabe? E a partir daí eu disse: isso não pode ser do demônio, porque é muito lindo! Isso fala de Jesus, e é profundo, e isso faz a gente querer ser melhor. Então, como outrora disse Jesus, o reino do satanás está dividido. Porque se isso aqui é do demônio, o que é que é de Deus?

E foi aí que eu me despi do preconceito e fui em busca do mundo que não conhecia. E sabe o que foi que eu descobri? Que eu era analfabeta! Por mais que eu tivesse tido a luz, eu estava de frente, é como se eu estivesse no endereço aqui, Rua Alberto Montezuma, 350, e estava bem grande escrito 'Alberto Monte-

zuma' e eu perguntasse "Por favor, que endereço é esse aqui?" "Tá aqui, minha senhora, aqui em frente". Eu estava diante de alguma coisa que eu não via por causa do preconceito. E a partir do momento que eu me despi desse preconceito, eu comecei a ouvir. E eu estudei e vi que aquela voz não era minha, que não é uma voz igual como você ouve a minha, é a voz do seu pensamento, que todos nós temos, muito mais do que a gente imagina, mas a gente pensa que é da gente. Mas se você olhar, você diz "eu não estava pensando nisso". Como é que eu estava aqui, do jeito que eu sou distraída, como é que eu vou, de repente, olhar um homem que vai lá na frente com uma criança, e eu vou ter certeza que aquele homem tá precisando de ajuda se eu não vi o rosto daquela criança, não sabia que ela tava mordido pelo cachorro, se eu não sabia nada? Não era minha essa voz, não podia ser minha! E se a gente perceber isso aí, em qualquer religião, você vai ver.

**Juliana** – Mas Olga, com que frequência você chega a sentir e intuir essas coisas?

**Olga** – É mais do que a gente imagina. Eu procuro sempre me concentrar. É a mesma coisa da sua mãe, dentro de casa. Tem horas que você passa o dia todinho com ela e não a ouve. É mais ou menos isso, é difícil explicar, mas é mais ou menos isso. E depois você tá com uma pessoa ali, uma amiga, por exemplo, que ela diz um bocado de coisa ruim e você ouve tudo o que ela diz. Também a gente precisa ter cuidado, porque a gente pode ouvir o que é bom e o que não é bom. É só a gente ver o que procede, se é de Deus. Porque, se estiver lhe intuindo a fazer o bem, é bom. Pode ser sua mãe, mas se ela disser pra fazer o mal, não é bom.

**Raiana** – Olga, e como fazer essa diferença?

**Olga** – Você diferencia pelo espírito da coi-

No dia combinado, Mariana liga para Raniery, dizendo que esperaria que alguém fosse lhe buscar em um supermercado próximo ao local da entrevista. Como havia acabado de sair do estúdio, Mariana pediu que lhe levassem um pacote de biscoito recheado, que seria o almoço.

Como Raíssa chegou um pouco atrasada, Ranniery e Roberta esperaram por ela enquanto os demais se dirigiam ao local da entrevista. No caminho para a Associação, Raíssa quase bateu o carro em uma viga de ferro por conta da pressa.

sa. É muito fácil. Vocês já viram, no desenho animado... Aparece muito na televisão, eu não me lembro qual era o personagem, que era o cãozinho e o anjinho dentro dele mesmo. Vocês já viram? Pois é mais ou menos isso. Você vê que todos nós temos. Não dizem que todo mundo tem um lado mulher, um lado homem, um lado bom, um lado ruim... Tem mesmo! É só você se refletir, 'o que é que eu sou' e você ser você mesmo.

**Ranniery** – Você já sofreu preconceito, por ser espírita?

**Olga** – Muito, muito, muito, muito mesmo. Muito! Dentro da minha família, fora da minha família. Eu já ouvi gente dizer assim, no telemarketing: "Ah, não vou ajudar essa instituição porque a presidente dela é espírita!". Muito, de todas as formas. Às vezes a gente percebe, sim, que a pessoa se distancia. No próprio distanciamento da pessoa, a gente percebe. Mas como a gente já se acostumou, eu fico imaginando Jesus, na época dele, sabe? E aí a gente deixa pra lá.

**Pedro** – Olga, na pré-entrevista você chegou a dizer que quando as mães lhe perguntam qual a sua religião, você fala que é a religião do amor. O que significa essa religião do amor nesse contexto do tratamento das crianças?

**Olga** – Foi a Madre Teresa de Calcutá que disse isso (*Agnes Gonxha Bojaxhiu, conhecida mundialmente como Madre Teresa de Calcutá foi uma missionária católica albanesa, que viveu entre 1910 e 1997. Fundou a congregação Missionárias da Caridade e foi beatificada pela Igreja Católica em 2003. Ainda em vida ficou conhecida como a Santa das sarjetas*). Eu podia ter dito isso, porque parece que fui eu que disse (*risos*). Agradeço a sua pergunta, para consertar. Um dia ela estava cuidando de um indiano. E a religião

---

**"Porque hoje a gente ainda vê muitos fariseus no mundo. Achando que a sua fé é a melhor, que a sua religião é a que salva. Eu fico triste de ver isso aí..."**

---

Quando Olga chega para a entrevista, cumprimenta a cada um dos presentes e já oferece água e café. Segundo ela, nunca se deve recusar um copo de água.

dele era totalmente diferente da dela. E ele já estava quase morrendo, ele estava no colo dela. E ela cuidou dele com tanto amor, que ele perguntou: "Qual a sua religião?" E ela não ia dizer a religião dela. Ela disse: "A minha religião é a do amor". Ele perguntou: "Quem é seu deus?" Ela respondeu: "Meu irmão, se a minha religião é a do amor, nesse momento o meu deus é você". Eu nunca esqueci essa passagem da vida dela. Vez por outra eu estudo a vida dos santos. Porque eles são nossos exemplos. Não exaltando, nem adorando, como algumas pessoas pensam, não é isso. É procurando servir de exemplo. E alguns... Têm muitos santos que não foram canonizados, porque santo não é só aquele que a Igreja Católica determina que é. Por exemplo, a Madre Teresa de Calcutá, pra mim, é uma verdadeira santa. Chico Xavier foi um verdadeiro santo. E ela foi um exemplo, ela falava isso. E aquela mãezinha, que eu sei, por exemplo, que a religião dela não é a minha, mas se eu for dizer... Lá ela ouviu que era do demônio. Em mim, ela tem a figura do demônio, como é que eu vou dizer pra ela, se ela tá precisando de mim?! Eu não vou fazer isso, aí eu não digo. Não é por vergonha de dizer, absolutamente, é pra não trazer constrangimento para ela, sabe?

**Ranniery** – Olga, você disse que encontrou muitas respostas no espiritismo, não é? Você não acha que as mães do Peter Pan também não poderiam encontrar muitas respostas, poderia ser um conforto...

**Olga** – Elas encontrariam com certeza, mas não através de mim. Elas teriam de ir pelas pernas delas e buscar. Uma vez uma veio me procurar, pedindo para eu indicar um centro espírita. Eu não posso fazer isso, o Peter Pan não tem caráter religioso e eu tenho de obedecer a norma do estatuto que eu fiz. Quem fundou o Peter Pan foram quatro espíritas (*Olga, Helen, Aieda e Ieda*) e pedimos para não ter caráter religioso. Eu não podia descumprir aquilo que eu vejo que é... Porque aqui tem de congregar todo mundo. Já aconteceu, eu não posso contar na íntegra porque não passa por mim, passa por uma outra pessoa, que é até uma freira. Mas foi uma freira que levou a mãe para o centro espírita. Eu digo que, se eu quebrar meu pé, meu marido pode ser o maior cardiologista do mundo! Eu vou levar num ortopedista. Muitas pessoas que são médiuns, que começam a ver espíritos, se você levar em outro canto que não seja no espiritismo, a pessoa vai dizer que é doido, que tá endemoniado. E a irmã dessa paciente estava dessa forma. A menina estava totalmente mediunizada, e ela via, dizia que tinha uma mulher, que a mulher era feia, que isso e aquilo. E vieram me chamar e eu disse: "Absoluta-

mente! Aqui eu não posso ser espírita! Aqui eu sou a que não tem religião!”. Eu liguei para a freira e mandei dizer: “Diga para ela que, se ela quiser, tem uma casa espírita assim, assim”. A freira que levou. Porque aí eu estaria desobedecendo ao estatuto do Peter Pan.

**Juliana** – Olga, a doutrina espírita diz que nesta vida você está como se fosse... Não pagando, porque eu acho pagando muito forte. Por não estar conseguindo pensar em uma (*palavra*) eu vou dizer essa agora, (*pagando*) por coisas que você fez em vidas anteriores. A minha pergunta é: como é que você vê – isso é uma pergunta muito pessoal – como é que você vê essas crianças que estão sofrendo com câncer e tudo, em relação a essas vidas anteriores? Como você concilia a sua fé, o que você acredita, com o que você lida diariamente?

**Olga** – Primeiro eu vou lhe dizer uma coisa, a doutrina espírita não diz que a pessoa está pagando, mas a lei do carma é uma coisa que vem do Budismo, mais da parte do Oriente. A doutrina espírita fala da lei da ação e reação (*segundo a doutrina espírita, baseia-se num perfeito mecanismo de justiça e igualdade absoluta para todos. Não há qualquer favoritismo para quem quer que seja. Agindo bem, teremos o mérito do bem. Agindo mal, teremos as consequências. Não se trata de castigo, em absoluto, mas de consequências*), na verdade você está evoluindo. Por exemplo, quando você compra um apartamento, que você se quita, você não fica livre? Você não evoluiu no sentido monetário? É, isso é um ponto.

Como é que eu vejo as crianças, eu vou lhe responder de uma forma diferente: se eu estivesse em uma casa espírita, eu lhe daria outra resposta, mas aqui eu vou me permitir responder de uma outra forma. Depois eu lhe dou meu telefone e, particularmente, eu posso lhe dar uma explicação a mais... Mas eu vou lhe dizer que eu tenho muito mais medo, muito mais pena das pessoas que hoje estão no poder municipal, estadual ou federal e são corruptos. O Legislativo ou o Executivo, esses têm o câncer da alma e esses estão contraindo para sua vida débitos... No livro da Paulinha (*Edmea*), eu estava me referindo a um, que não foi por corrupção, foi por extrema omissão, também eu não digo quem é e jamais... Algumas pessoas muito perto de mim sabem a quem eu estou me referindo. Mas, às vezes, a gente... Eu não gosto da palavra pecar não, mas dá para entender, pela omissão e é uma falha terrível, sabe? (*Sobre*) as crianças que estão com câncer, a única coisa que eu posso lhe dizer com um olhar espírita, é uma frase que eu sempre digo para mãe, para não me aprofundar e nem poder levar para

---

“Em todo canto, palestra que ia, eu pedia que não falasse da religião do outro. Que onde tivesse Jesus, estava bem. E onde nem soubesse que existisse Jesus, mas as pessoas estivessem fazendo o bem, estava bem.”

---

o raciocínio da lei da ação e reação, porque pode ser isso e pode ser que não seja, a gente nunca sabe.

Eu vou lhe contar uma história para você ver. O que eu respondo para elas, sem que elas me perguntem com o olhar espírita: Deus escreve certo, sempre e invariavelmente em linhas certas, a gente é que vê torto. Se eles estão naquele momento passando por aquele câncer é uma coisa que a gente vê ruim, mas não é, é a vontade de Deus sobre eles. Porque eles são muito novinhos, eles não deram tempo, as pessoas que não entendem que a vida nem começa no berço e nem vai terminar no túmulo e acreditam só no capítulo de uma novela, fica difícil entender, mas entender não a doença, mas a justiça divina.

Como é que pode uma criança... Como eu vi o lago, a mãe do lago – a sua pergunta (*aponta para o Pedro*) – a mãe do lago era alucinada por mim. O lago, antes de fazer um ano, quebrou a perna e, quando a mãe procurou para consertar, detectaram que ele tinha quebrado a perna não foi porque caiu, ele caiu porque tinha um câncer e foi o câncer que quebrou a perna e ele não conseguiu (*ficar*) em pé e caiu. O lago nunca conseguiu andar e ele morreu por um erro médico, vamos dizer assim (*sinaliza aspas com as mãos*). Não foi um erro médico, mas na hora de uma pulsão não foi muito legal e a mãe ficou muito revoltada. Eu cheguei muito junto dessa mãe. No dia que ele foi a óbito – não gosto de dizer a palavra morreu – que ele foi a óbito era um domingo e ela me ligou e eu vim. Depois ela me ligava e ela falava (*que*), teve uma pessoa, um

Pedro vai ajudar Olga a servir os cafés e acaba aprendendo a quantidade ideal de adoçante para a bebida. Em seguida, a turma dirigiu-se ao auditório onde aconteceria a entrevista.

Enquanto caminhávamos até o CPC, Olga explicava alguns detalhes sobre as mudanças que foram feitas na estrutura da associação ao longo da existência.

Chegando no auditório, na tentativa de se fazer um círculo, todos mexiam as cadeiras, mas ninguém conseguia entrar em consenso. Gleydson e Ronaldo então sugerem o melhor local para a turma ficar, levando em consideração a iluminação para as fotos.

visitante que não foi do Peter Pan, que passou e deixou *O Livro dos Espíritos* para ela. Ela ficou indignada. Disse que aquele livro ela nem pegava, que não podia ser e não sei o quê... E ela não tinha ideia de que eu era espírita. E ela, muito tempo, muito tempo, (*estalando os dedos para enfatizar o período que passou*) ela entendeu. Eu disse: "Você não acredita em Deus? Você acha que Deus vai castigar seu filho com isso aqui?". Porque ela veio me dizer, que uma pessoa, na igreja dela mesmo, disse que ela não rezava direito e aquilo tinha sido um castigo. Eu perguntei: "Você acredita em Jesus?". "Acredito.", ela disse. Então eu respondi: "Se ele disse que o Pai era bom, que o Pai era amor, que o Pai... Como pode ser um pai castigador?". O Deus que castiga era o Deus medieval, que eles faziam isso, para as pessoas ficarem com medo. Não era fé, era o temor. Hoje nós não temos mais a fé temor, nós temos a fé raciocínio.

Que justiça divina é essa? O que foi que uma criança fez, como o lago, que ele não tinha feito um ano e ele já *tava* fadado a não conseguir andar? O câncer já estava generalizado, que justiça divina é essa? Deve ter uma explicação! Deve ter uma explicação, que não começou depois do berço, porque se não, não existe justiça divina, mas eu sempre me atenho a esse olhar de Deus, eu sempre falo muito de Nossa Senhora para elas, eu pergunto a religião, quando elas dizem que é católica, como meu berço é católico, eu falo de Maria para elas. E elas vão, vão e se conformam. Porque você pode procurar raciocinar dentro do contexto dela. Às vezes, a mãezinha é protestante e eu converso com ela, junto do Evangelho de Jesus e eu acho que ela jura de pé junto que eu sou protestante, sabe? Eu vou embora e ela não tem, nem imagina, porque como eu conheço e eles acham que quem conhece mesmo são eles, e assim eu vou levando.

**Nayana** – Olga, vamos lá para o início da Associação Peter Pan. Você disse que veio para Fortaleza em 96, só que antes de chegar aqui ao Albert Sabin, você procurou a Casa do Menino Jesus (*entidade beneficente que acolhe crianças e adolescentes carentes, acometidos de câncer e suas respectivas mães e acompanhantes, procedentes do interior e de outros estados. Hoje a instituição se chama Lar Amigos de Jesus*). Por que não deu certo lá?

**Olga** – Eu acho que Deus escreve certo em linhas certas (*risos*). A Casa do Menino Jesus já estava muito forte, eu vim para cá, que não tinha nada. (*respira fundo*)

**Nayana** – Mas assim, foi só mesmo...

**João Victor** – Aconteceu alguma coisa lá?

**Olga** – (*pausa e suspiro*) Eu acho que

Deus queria que eu viesse para cá! (*risos*)

**João Victor** – E o que foi que Ele fez para lhe mostrar isso?

**Olga** – Não, eu acho que Ele queria que eu viesse para cá! (*risos*)

**Ranniery** – Por que você escolheu trabalhar com câncer, Olga?

**Olga** – Eu acho que foi porque tinha de ser. Se vocês olharem, eu já fiz uma reflexão demorada sobre isso. Em cada ponto do Nordeste, mais ou menos na mesma época, apareceu um núcleo do câncer, em Natal, em Recife um pouco antes, em Salvador um pouco antes, em Fortaleza. Eu conheço muito bem esses quatro, sabe? E Aracaju. Esses cinco do Nordeste, a gente tem caminhado ao longo desses últimos 12 anos, desde 1999. Então a gente termina se conhecendo no Brasil todo. Eu digo que foi o complô divino que fez em cada canto uma equipe.

Agora talvez tenha sido também porque eu vi meu pai com câncer e ele foi a óbito por causa do câncer. Eu vi que o câncer adocece a família toda. Eu cheguei aqui (*Hospital Albert Sabin*) com um menino que parecia ter câncer, cheguei na emergência e estava horrível e acabei encontrando uma amiga minha, que hoje é diretora do hospital. Eu me decidi trabalhar no Sabin como voluntária e como eu fazia lá em Paulo Afonso, eu tinha acabado de chegar, porque assim eu ia conseguir trazer uma criança para cá e não encontrar tanta dificuldade como eu encontrei da primeira vez. Foi isso.

**Roberta** – Você acha que essa experiência que você viveu em relação à doença do seu pai colabora para você ajudar as mães, pelo fato de você já ter sentido isso?

**Olga** – Com toda certeza! Com toda certeza!

---

“Então eu sou cheia de imperfeições e vocês me veem como boa. E eu não me vejo como boa. Eu me vejo como inquieta. Inconformada com as coisas como estão postas.”

---

A entrevista começou e passados cerca de quarenta minutos, Olga pede para interromper, pois seu celular está tocando e ela diz ser urgente. Olga atende a ligação de Paulinho do TRT que fala sobre o mandado urgente que ela precisa cumprir.

za! Você foi bem na questão, porque eu estou aqui, eu acho que não é pelas crianças, é pelas mães e pelos pais. O meu pai foi a óbito em 1995. O primeiro Dia dos Pais que eu passei aqui em Fortaleza foi o segundo depois que ele tinha, como eu gosto de dizer, que ele tinha desencarnado e o papai... Tinha poucos pais tomando conta dos filhos (*no Hospital Albert Sabin*) e eu juntei... É um presente, um presente você pode dar de todo jeito. Eu juntei, eu fui num colégio de uma amiga minha, que eu sabia que a minha sobrinha estudava lá, ela não era minha amiga não, ela se tornou depois, e elas deram uma blusa (*com uma frase em homenagem aos pais*), eu pedi a elas, se elas tinham. Eu não me lembro se eram seis pais que estavam aqui, acho que eram seis, e ela disse que tinha. Eu fiz seis kits com um camisa, eu sempre gostei muito de fazer com que todo mundo tivesse em uma mesma ação. Pedia uma coisa para minha irmã, outra para minha mãe. Fiz um kit com sabonete, com desodorante, com pente, com camisa... Com tudo que um homem que está aqui precisa.

Comprei um bolo, refrigerante e vim para cá e a gente terminou brincando com eles e tudo. Quando eles estavam todos quietinhos ali, comendo o bolo, eu me afastei com os olhos cheio d'água e pedi a Deus que onde meu pai estivesse, recebesse esse presente, porque era o Dia dos Pais e eu não podia mais comemorar com ele aqui, eu estava comemorando com quem eu podia, eu tenho certeza.

Eu tenho um livro que eu digo que é uma caricatura, mas eu acho muito lindo, é *Violetas na Janela* (*romance espírita, alegadamente narrado pelo espírito "Patrícia" e psicografado pela médium Vera Lúcia Marinzeck*

*de Carvalho. Publicado pela Petit Editora, da cidade de São Paulo em 1993*). É uma jovem que desencarna com 19 anos, e os pais dela estão desesperados. Ele faz muita caricatura no livro, mas quem perde um filho cedo, aquele livro, às vezes, ajuda muito. A mãe está desesperada, mas um dia ela compra uma violeta, porque a menina era louca por violeta, e bota na janela e pede a Deus que aquilo ali seja para a Patrícia, o nome da menina é Patrícia. Eles mostram a Patrícia lá no plano espiritual, nesse dia ela estava até bem. Ela abre a janela e encontra três jarrinhos de violeta e diz: "Que violetas lindas!". A pessoa diz assim: "Foi sua mãe". Eu li esse livro e me lembrei. "Foi sua mãe que deixou lá na Terra para você". Eu olhei e isso me tocou tanto o coração que eu vejo assim: que as pessoas nossas que vão, como é que a gente pode agradar e como a gente pode deixar triste? Não é que não chore, a gente tem de chorar. Mas não viver chorando de conformação.

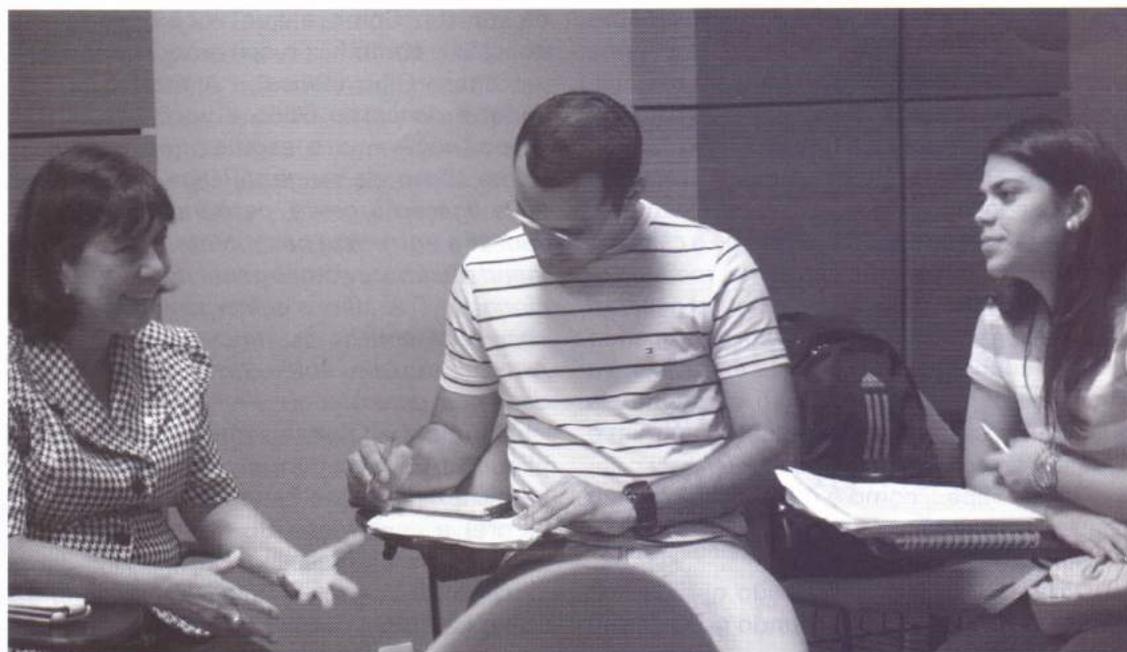
**João Victor** – Olga, o começo do seu trabalho aqui foi provendo cestas básicas para as mães...

**Olga** – Na verdade, o começo mesmo foi pintando com eles. A cesta básica foi a segunda ação.

**João Victor** – E como era esse primeiro trabalho de ir pintando com eles?

**Olga** – Os que podiam, eles saíam, eles vinham para o refeitório. Era um programa que já tinha e nós conservamos aqui, o ABC + Saúde. Eles adoravam pintar. Eles ficavam pintando, e eu sei fazer letra bem bonita, eu trazia umas canetinhas, às vezes, até dava para eles, eu sempre trago na minha bolsa. Eu colocava o nome deles bem bonito, eles iam pintar o nome e, quando eles terminavam,

Olga tenta explicar para o Paulinho que ela estava em uma entrevista, com 12 pessoas e era complicado sair, mas ela precisava levar um mandado na Procuradoria Geral do Estado (PGE), que era urgente.



Enquanto falava ao telefone, Olga pediu para que Igor anotasse o número de outro telefone. Igor, porém, acabou escrevendo errado. A atenção de Roberta foi o que conseguiu corrigir o erro a tempo.

Olga decide telefonar para a irmã, Ana, para pedir que entre em contato com uma procuradora da PGE, para saber até que horas ele pode entregar o mandado.

eu fazia estrelinha de nota. Esse foi o primeiro trabalho, eu vinha duas vezes por semana.

**João Victor** – E como eram as condições do seu trabalho nesse início, principalmente quando você começou a partir também para trabalhos junto com as famílias?

**Olga** – Olha, no começo o Sabin não tinha voluntariado, não foi fácil entrar. É por isso que eu digo, o pessoal diz: “Eu liguei lá para o Peter Pan, querendo ser voluntária, mas terminou que o pessoal não ligou para mim e eu desisti”. Eu fico assim no meu coração, ela não queria mesmo! Porque eu vim aqui três vezes e não consegui, liguei para minha cunhada que é médica, que falou com a diretora do hospital que autorizou que eu viesse. A condição era um cantinho, que era no refeitório, ali fazia o ABC + Saúde, parecia um maternal. Eles sentavam e espalhavam, ainda hoje a gente tem aqui o ABC + Saúde, só que aqui está mais aprimorado, tem uma psicopedagoga... Espalhavam como um maternal mesmo! Eu vinha duas vezes por semana, terça e quinta de tarde, ficava umas duas horas e vinha embora. Até que eu comecei a entregar cesta básica, até que a assistente social disse: “Olguinha, tinham mais duas pessoas aqui distribuindo cesta básica. Não era bom vocês se conhecerem, não?”. No final do ano, nós nos conhecemos e foi ela quem deu a ideia, a Helena, da cesta básica. Foi a semente, o embrião do Peter Pan.

**João Victor** – Você tirava do seu bolso?

**Olga** – A gente tirava do bolso da gente e a gente tirava do bolso dos outros também. *(risos)* Eu telefonava, mas não dizia que era eu que vinha aqui, só quem sabia era meu marido e meus três filhos por causa do evangelho no lar. Nem a minha mãe *(sabia)*. Eu dizia: “Mãe eu tenho uma amiga que é assistente social e ela tá precisando de uma família *(que ajudasse)*, queria fazer uma coisa, a senhora poderia me dar um dinheiro para fazer uma cesta básica?”. Assim eu pedia lá no tribunal, para os meus irmãos, principalmente para minha irmã *(Ana Pita)*, que trabalha no Peter Pan hoje com a gente, desde o começo. E assim a gente ia conseguindo as cestas básicas.

**Raíssa** – Eu queria confessar que o câncer é uma doença que, particularmente, me apavora muito. Não sei o por que, não tenho nenhum parente que tenha ou que morreu, mas quando a gente soube que ia fazer esta entrevista, eu fiquei me perguntando: “Como consegue ela lidar com essa doença diariamente?”. A mim é assustador, como é para você?

**Olga** – Sabe... como é o seu nome que eu esqueci?

**Raíssa** – Raíssa

**Olga** – Raíssa tem um ditado que diz: “O que seria do azul se todo mundo gostasse só

do amarelo?”. *(telefone de Olga toca)* Ai meu Deus é lá do Tribunal! *(Neste momento, Olga atende o telefone e interrompe a entrevista por seis minutos e vinte segundos)*. Foi no dia da minha cirurgia, ela estava falando do câncer... Há pouco tempo eu tive um diagnóstico de câncer e eu fiquei muito tranquila. Depois, quando o médico foi examinar a biópsia... Porque na biópsia estava dando indefinido, se era isso ou aquilo. Ele disse que estava convicto de que não era um carcinoma, que era um pré, como se fosse um pré-câncer, e eu vi que eu não tenho medo do câncer, porque eu estava ali com a biópsia na mão e, quando você olha a biópsia, o negócio parece pior. Eu disse para todo mundo, eu disse até na imprensa, eu estava numa entrevista, que era longa e eu disse, porque eu acho que essas coisas devem ser ditas. Mas parece que não é. Então é a história, o vermelho, o azul e o amarelo, você pode achar que não se dão. Meu marido ele vem, me acompanha e tudo, mas quando chega na hora de ficar com eles *(pacientes da Associação)*, ele não fica, é o jeito dele e nós temos de respeitar os nossos limites, mas eu tenho uma amiga também que ela chorava, chorava, chorava. Depois ela foi indo, foi indo, se acostumou e não é que ela não sofra, aquilo não impacte, mas ela sabe que estar ali e pode fazer a diferença ficando e assim ela foi e superou esse, vamos dizer, esse medo dela. Se você insistir um pouco, você pode superar, se não superar você tem de respeitar, e a gente pode servir em outro canto. Tem tantas outras maneiras da gente ajudar.

**Raiana** – Como é que você lida com essa questão da morte, que é tão próxima, acredito, no seu dia, porque você convive com pessoas que, às vezes, estão muito próximas de morrer. Como é que você encara essa questão e como fica o seu emocional?

**Olga** – Olhe *(pausa)*... A morte, na verdade, é do corpo físico e você não ama o corpo, você ama o espírito que está ali, a forma como ele reage... *(Olga recebe uma nova ligação urgente, para a qual necessita pausar a entrevista novamente. Devido a um mandado imprevisto urgente do Tribunal Regional do Trabalho, a entrevista precisará ser encerrada em, no máximo quinze minutos. A turma decidiu, então, fazer somente mais duas perguntas)*.

**Ranniery** – Olga, eu quero que você explique um pouco para a gente como é que surgiu a Associação Peter Pan e contasse até *(sobre)* a construção do Centro Pediátrico, como foi esse processo todo.

**Olga** – Tá certo! O Peter Pan, a gente diz que o Peter Pan nasceu da vontade de amar.

Depois de alguns telefonemas, Olga liga para a PGE e descobre que poderá entregar o documento até as 17:30h. Como ainda precisava ir ao TRT para pegar o mandado, é decidido que a entrevista só terá mais 15 minutos.

Essa vontade de amar congregou algumas pessoas. No começo, a gente se reunia e brincava com eles no ABC + Saúde, dentro do Albert Sabin, depois nós tivemos a ideia de fazer a cesta básica, foi o embrião do Peter Pan. Da cesta básica nasceu o primeiro projeto, o apadrinhamento, a partir daí nós fomos chegando junto, a gente olhava... O Peter Pan foi construído de necessidades, no que diz respeito às ações. A gente olhava, via aquela necessidade e procurava suprir. Sempre tem o olhar, sempre tem aquela história que eu falei de você se sensibilizar.

Feito isso, a gente foi se reunindo. Quando foi em 1998, o projeto apadrinhamento estava mais forte e teve necessidade de termos uma personalidade jurídica, quer dizer, existir para o mundo legal. Nós fizemos, aí nasceu de fato, legalmente, a Associação Peter Pan. Eu digo que era o complô divino e que estava... A gente não se planeja? Às vezes acontecem os imprevistos, mas normalmente a gente tem planejado, hoje eu vou fazer isso, fazer aquilo e o complô divino, eu digo que ele faz isso também com a gente. Na hora que a gente teve o CNPJ (*Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica*), o Adolfo Bichucher (*um dos principais franqueados da rede internacional de restaurantes Mc Donald's no Ceará*) nos convidou para fazer o Mc Dia Feliz (*evento anual realizado em todas a rede Mc Donald's do Brasil, em que a venda por um dia do sanduíche mais popular da casa, o Big Mac, é revertida para instituições filantrópicas selecionadas*), aí nós fizemos.

Aconteceu alguma coisa que a gente diz que é verdadeiramente milagroso, no sentido do fazer acontecer, porque a gente não sabe como. Como é o Mc Dia Feliz? Eles dão um ticket, que é um papel moeda, e vale um Big Mac só naquele dia. Antigamente aqui se vendia quatro mil Big Macs e quando nós pegamos pela primeira vez o Mc Dia Feliz, nós vendemos trinta mil só antecipado. O que aconteceu com isso? A gente teve o ensino de divulgar o Peter Pan, porque não dava para você não divulgar, ser escondido como a gente estava fazendo. Nós pegamos, recebemos naquele Mc Dia Feliz R\$100 mil, mais ou menos. Nós compramos a primeira casa.

Pronto, o segundo passo, a vontade de amar e de fazer acontecer, o segundo passo, a união, nós saímos congregando as pessoas, porque sozinho você não consegue fazer nada. O Ray Kroc (*fundador*) do Mc Donald's diz isto: "Ninguém no mundo é tão bom do que todo mundo junto.". Então a gente foi juntando as pessoas, depois os passos que a gente foi dando, no sentido de transparência, sempre tivemos muito esse cuidado. Quando a gente deu a primeira cesta básica, que

minha mãe dava o dinheiro para eu comprar ou uma amiga minha lá do tribunal ou uma amiga de outra pessoa, a gente dava um recibozinho e tinha um versinho, eu gosto muito de fazer versinhos, é assim: "Vi sua mão estendida, teu coração a querer, fazer o bem pelo bem, sem nem meu rosto conhecer, na vitória a alegria, esperança de viver, é que as bênçãos venham em dobro, não! Não sei o que, agradecemos, o Albert Sabin mais você. Deus mais Albert Sabin mais você". Nessa época não existia Peter Pan. Depois, a gente colocava "que as bênçãos venham em dobro, iluminando o seu viver", uma coisa assim.

As pessoas recebiam aquilo, sabiam e a assistente social assinava, dizendo que tinha recebido. Assim, com a transparência, a gente foi crescendo, foi se organizando e fomos fazendo os programas sociais. Quando nós inauguramos a sede administrativa, ninguém mais segurou, porque aí sim a gente já tinha um hospital, toda a parte de quimioterapia dia já era feita lá e a gente ia e vinha e... As pessoas começaram a chegar, os empresários, não era mais só o Estado, o Instituto Ronald (*Mc Donald's*), já veio o Mercadinho São Luiz e muitos outros. A (*farmácia*) Pague Menos nos ajudou muito no início, e assim fomos crescendo. E fomos fazendo os programas sociais: cesta básica, transporte, alimento, casa, os jovens. E cada necessidade que íamos vendo, que era forte, a gente criava um projeto, para suprir essa necessidade.

Hoje, a gente trabalha como? O tempo passou, nós fomos nos organizando, hoje temos uma organização mesmo. Eu digo que é um voluntariado empreendedor e organizado mesmo. Hoje a gente trabalha através, ou por meio, de três diretrizes, são os nossos

---

**"O outro é qualquer pessoa que naquele momento precise de mim, sabe? Que eu possa, ou pouco ou muito, fazer a diferença ou na vida, ou naquela necessidade pontual".**

---

Nayana e Ranniery já estavam em comunicação para decidir o que era essencial ser perguntado nos quinze minutos que ainda tinham de entrevista. Foi rapidamente decidido perguntar sobre a história da associação e sobre o que ela esperava para o futuro.

Passados os 15 minutos, duas perguntas haviam sido feitas e a entrevista foi encerrada. Olga agradeceu a compreensão, falou que um lanche seria servido e nos convidou a conhecer o hospital.

Ao sair, Olga estava com tanta pressa que ia esquecendo a bolsa. Ranniery percebeu e conseguiu entregá-la, antes que ela saísse do auditório.

pilares, como eu gosto de dizer: o diagnóstico precoce, o atendimento humanizado e o tratamento especializado. Esse hospital é a prova do tratamento especializado, quer dizer, todo o tratamento do câncer público, que é da Secretaria da Saúde é feito aqui, é altamente, altamente especializado. Vem gente do Norte do País, Pará, Manaus, vem do Nordeste, de Mossoró para cá. Ele é referência por causa do Estado do Ceará, tudo que nós fizemos é de mãos dadas com o Albert Sabin, é uma parceria muito saudável e muito exitosa.

Os casos mais delicados, que precisam mais de especialização, são resolvidos aqui. É o tratamento especializado. Mas o câncer necessita de amor, de cuidado, de alegria, de brincadeira, de ser criança. Nossos pacientes não ficam esperando, eles ficam brincando, ou no ABC + Saúde ou na brinquedoteca. A criança é criança até a hora que chamam e agora sai, deixa de brincar, que vamos ali para o médico, depois, volta para cá de novo. E é esse o atendimento humanizado. Não só aqui, mas a gente tem um olhar, hoje são 22 programas sociais, a gente vai nas casas deles, faz visita amiga, já construímos casas...

Bem, e o diagnóstico precoce, não adianta você ter o tratamento melhor, mais humano, o hospital mais bonito, se eles já chegam com o câncer avançado. A gente tem um programa de diagnóstico precoce, que a gente vai para o interior do Estado e lá a gente capacita. No ano passado, nós capacitamos 400 profissionais em Sobral e vai desde o pediatra até o agente comunitário. Quatrocentos em Sobral e 400 em Fortaleza. Hoje a gente está capacitando mais 500, parece, somando tudo, Sobral, a área do Cariri, que é focado em Barbalha, e em Fortaleza e alguns pontuais. A gente vai na Secretaria da Saúde, eles trazem os agentes comunitários ou o pessoal do PSF (*Programa de Saúde da Família*) e a gente capacita. É o diagnóstico precoce. O Peter Pan hoje trabalha através dessas três grandes ações, elas são decisivas e fazem uma cadeia, porque hoje a gente tem... É o que eu acho lindo na Associação Peter Pan, não é só a forma como trabalha para com o paciente, mas a forma como interage com a sociedade.

No começo do Mc Dia Feliz, o que eu mais gostava de ir era em colégio público, não para criança muito pequena, mas aqueles que já têm 13, 14 anos. Eu ia, quem olhasse assim, pensava que eu tava querendo vender o ticket, nada! Eu sabia que ali era o canto mais difícil de vender, porque eram pessoas que não tinham muita condição, mas é semear no coração dos jovens a ideia de você poder ser útil e você dever ser útil. Então eu acho

que essa é a transcendência.

**Nayana** – Para encerrar, você disse, citou agora, que um dos fundadores do Mc Dia Feliz falou que ninguém é tão bom do que todo mundo junto. Você, juntamente com várias outras pessoas, ajudou a mudar o cenário do câncer infantil. Em 1996 era uma estrutura pequena, falha, e hoje...

**Olga** – Sua mãe bem pode dizer isso, melhor do que qualquer um de nós (*Olga se refere a Izabel Siebra, mãe de Nayana, que trabalha na unidade de onco-hematologia pediátrica do Hospital Infantil Albert Sabin, desde 1997*)

**Nayana** – Hoje é tudo diferente, o Albert Sabin e o CPC (*Centro Pediátrico do Câncer*) viraram referência para o Norte e Nordeste. Com tudo isso que foi conquistado, o que é que essa Olga que é voluntária, mãe de família... O que é que ela acha que ainda precisa ser feito para as crianças com câncer e como é que você imagina o futuro da Associação?

**Olga** – Bem, eu vou lhe responder em dois tempos. Primeiro, (*é preciso lembrar*) Ray Kroc, ele foi o inventor do Mc Donald's, não é do instituto não, do Mc Dia Feliz não. Ele tem um livrinho pequeno chamado *Deu Certo! (Deu Certo! Como Nasceu, Cresceu e Prosperou a McDonald's, de Ray Kroc e Robert Anderson, lançado em 1977, pela Record)*, muito legal. E realmente em qualquer lugar que você for, tem gente... Paulo de Tarso falava do homem velho e do homem novo. O que é isso? O que é a segunda parte da pergunta dela, o homem velho é aquele muito egoísta. Ali fora tem – que não foi o meu pedido, mas acabou saindo e eu achei muito bom – uma poesia que eu fiz chamada *Mundo Novo*. É justamente esse olhar, o homem velho quando ele vai fazer alguma coisa, ele por exemplo... Eu vou fundar uma ONG, aí sou eu, entendeu? O homem novo é o nós, quer dizer, não interessa se meu rosto não aparece. O que interessa é que a causa apareça, é esse o grande objetivo da Associação Peter Pan. Desde o começo a gente diz: transformando a história do câncer infanto-juvenil no Estado do Ceará. Nós estamos conseguindo transformar.

E o que falta? O que falta, eu sempre peço muito a Deus, que o Peter Pan continue com duas coisas, depois que a gente passar. Temos procurado colocar isso no DNA da Associação Peter Pan. Um é a transparência, é a honestidade. E a outra é o amor. Então, falte o que faltar, seja qual for a obra de pedra ou não que você queira construir, ela tem de estar fincada nessa base do amor, do proceder reto, do cuidado amoroso e da atitude honesta. A gente vê uma estrutura dessa de pedra, mas a gente construiu paralelo a

Continuamos no hall do Centro Pediátrico comendo biscoitos e bebendo sucos oferecidos por Olga, enquanto esperávamos a pessoa que nos levaria para conhecer o CPC.

isso, sua mãe também sabe disso (*aponta para Nayana*), nós temos cursos de dois dias cada. Foram dois cursos, treinando as auxiliares, para que elas entendam que, na hora que tiver de acordar dez vezes para trocar um soro de noite, ela está fazendo aquilo, não é para aquela criança não, em última instância, é para Jesus que ela está fazendo isso. Foi essa comparação que nós fizemos. Cada criança que elas cuidarem, faça de conta que é Jesus que está ali, porque se fosse todo mundo corria.

Essa atitude e eu mesma, nisso aí tudo, eu sou um instrumento simples e substituível, substituível! E o que eu quero de mim sempre é nunca esquecer que a gente passa e o que a gente leva dessa vida é o amor que a gente tiver semeado nela ou o ódio também. Então que eu possa deixar aqui a marca dessas duas coisas: do proceder com amor e com honestidade. E para faltar no Peter Pan, falta muita coisa ainda, nós estamos querendo construir ainda o que mais a gente quer, porque a missão do Peter Pan, para concluir, é elevar o índice de cura e melhorar a qualidade de vida. Nós estamos conseguindo muito, já agora, elevar o índice de cura, mas melhorar a qualidade de vida depende do diagnóstico precoce, porque, para você não ter que amputar uma perna, não arrancar um olho, é preciso ser descoberta a doença cedo. A gente precisa se enraizar no interior do Estado, para que a gente leve os sinais e sintomas do câncer, capacite os profissionais, faça esse trânsito preferencial, acontece muito já, mas falta também muito, para que não tenha aquele tempo perdido em posto médico, porque a gente já criou aqui o ambulatório de diagnóstico precoce.

O que falta ao Peter Pan, a meu ver, vai sempre estar faltando. Mas o mais importante é o diagnóstico precoce em todos os lugares do Ceará. Em cada Secretaria de Saúde Municipal, ter um trabalho voltado para o diagnóstico precoce para trazer imediatamente para um serviço especializado ou aqui, ou em Barbalha, ou em Sobral, ou no ICC (*Instituto do Câncer do Ceará*), seja onde for. E a gente poder, porque a gente sonha e é qualidade de vida que tá na nossa missão. É cada jovem que vencer o câncer ter o seu emprego. São essas duas metas nossas grandes, que são transcendentais, difíceis, mas elas não são impossíveis. A gente já está capacitando jovens, já empregou alguns, porque o que a gente quer para os nossos filhos, eu sei que vocês são jovens, mas eu já tenho filhos, tenho idade de ser mãe de todo mundo aqui, menos do professor (*risos*), porque ele tá com a cabeça branca. Olhe, o que eu quero para os meus filhos, um emprego

bom e uma família legal. A família eles vão ter de escolher, mas o emprego bom é difícil, porque eles ficam no banco, na cama do hospital e não no banco da escola e é aí que a gente está chegando. O que falta mesmo é a gente ter diagnóstico precoce, a campanha do diagnóstico precoce em cada canto e viabilizar um futuro seguro para cada um que venceu o câncer.

#### Nota da produção

A entrevista estava prevista para ter duas horas de duração, mas precisou ser interrompida após cerca de uma hora. Olga recebeu um telefonema e precisou cumprir uma demanda urgente e inesperada no emprego, no Tribunal Regional do Trabalho. Dessa forma, assuntos que seriam abordados na segunda hora de entrevista, como a fundação e a evolução da Associação Peter Pan, além da importância da obra para a vida de Olga Maia, não puderam ser contemplados nestas páginas. Como decisão editorial, a turma, juntamente com o professor Ronaldo, concordou posteriormente em publicar a entrevista na íntegra, com um processo mínimo de edição. Decidiu-se também que não tentaríamos um novo contato com a entrevistada para retomar algumas questões que não puderam ser contempladas. Acreditamos, entretanto, que o objetivo principal da entrevista se cumpriu: desvelar o sentimento que move uma pessoa – no caso, Olga Maia – a fazer o bem de forma tão grandiosa. Por isso, agradecemos a Olga pelo tempo em que se mostrou disponível para a realização da entrevista.



João Victor, preocupado com obrigações da disciplina de Semiótica, não esperou a visita e foi para casa. Ele foi o único a não sair na tradicional foto da turma após a entrevista.

Vânia Ribeiro, coordenadora do voluntariado da Associação, foi a nossa guia na visita ao hospital. Como éramos um grupo grande e estávamos carregando nossas bolsas e mochilas, apenas pudemos apreciar os corredores do CPC.